

CORPO SEM ÓRGÃOS E ESQUIZOANÁLISE EM DELEUZE E GUATTARI

Lucas Dilacerda¹

resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os conceitos de *corpo sem órgãos* e *esquizoanálise*, de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), presentes no platô 6 *Como criar para si um Corpo sem Órgãos?*, do livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (1980). Para isso, apresentaremos a oposição entre o corpo sem órgãos e os estratos; pontuaremos os três tipos de estratos: o organismo do corpo, a significância da mente e a subjetivação da imanência; apresentaremos a diferença entre a desestratificação prudente, a desestratificação imprudente e a desestratificação reestratificante; pontuaremos os três tipos de corpo sem órgãos: o CsO pleno do revolucionário, o CsO vazio do suicida e o CsO canceroso do fascista; e, por fim, apresentaremos o problema dos três corpos e a proposta da esquizoanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo sem órgãos; Esquizoanálise; Deleuze; Guattari; Mil platôs.

résumé

L'objectif de cet article est de présenter les concepts de *corps sans organes* et *schizo-analyse*, de Gilles Deleuze (1925-1995) et Félix Guattari (1930-1992), présents dans le plateau 6

¹ Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com distinção *Summa Cum Laude*, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Filosofia Clínica, e Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do GT Deleuze e Guattari – ANPOF. E-mail: lucasdilacerda3@gmail.com.

Comment se faire un corps sans organes?, du livre *Mille plateaux : capitalisme et schizophrénie* (1980). Pour cela, nous présenterons l'opposition entre le corps sans organes et les strates ; nous ponctuerons les trois types de strates : l'organisme du corps, la signification de l'esprit et la subjectivation de l'immanence ; nous présenterons la différence entre la déstratification prudente, la déstratification imprudente et la déstratification restratifiante; nous ponctuerons les trois types de corps sans organes : le CsO plein du révolutionnaire, le CsO vide du suicidaire, et le CsO cancéreux du fasciste ; et, enfin, nous présenterons le problème des trois corps et la proposition de la schizo-analyse.

MOTS-CLÉS: Corps sans organes; Schizo-analyse; Deleuze; Guattari; Mille Plateaux.

corpo sem órgãos

Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos "é um exercício, uma experimentação [...] Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas"². O corpo sem órgãos não é algo a ser interpretado, mas sim experimentado, ele é uma prática, por isso ele é uma ética, ou seja, um modo de existência e um modo de vida, uma lógica desejante e uma maneira de desejar, ele é criado por meio de um conjunto de práticas, "você faz um"³. Deleuze e Guattari afirmam ainda que "o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo"⁴ O organismo é um poder sobre o corpo, ele é um controle que impõe um exercício dominante ao corpo. Por isso, Deleuze e Guattari afirmam que "O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO"⁵

estratos

O estrato é "um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil"⁶ O estrato é um poder sobre o corpo sem órgãos, ele é um controle que impõe um exercício dominante à nossa vida e ao nosso desejo. Deleuze e Guattari pontuam que existem "três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles

2 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "Como criar para si um Corpo sem Órgãos?". Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: . *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, pp. 11-12.

3 *Idem, ibidem*, p. 11.

4 *Idem, ibidem*, p. 24.

5 *Idem, ibidem*, p. 24.

6 *Idem, ibidem*, p. 24.

que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação⁷.

organismo do corpo

O primeiro tipo de estrato é o organismo. Para Deleuze e Guattari, o organismo é "O juízo de Deus, o sistema do juízo de Deus, o sistema teológico, é precisamente a operação Daquele que faz um organismo, uma organização de órgãos"⁸. O juízo de Deus é o que Deleuze chama de "moral", ou seja, um julgamento da existência a partir de valores transcendentais. O organismo tem como alvo o corpo, "o organismo cola no corpo"⁹, ele é um poder sobre o corpo que lhe impõe uma maneira de agir, para assim, nos fixar à uma realidade dominante. "Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo — senão você será um depravado"¹⁰. Nesse sentido, o corpo sem órgãos é uma desorganização do organismo, ele libera o corpo da prisão formada pelo estrato do organismo. Por isso, o corpo sem órgãos é um processo de criação de novas maneiras de agir.

significância da mente

O segundo tipo de estrato é a significância. Para Deleuze e Guattari, a significância é "tudo o que é significante e significado, tudo o que é suscetível de interpretação, de explicação, tudo o que é memorizável, sob a forma de algo que lembra outra coisa"¹¹. A interpretação é o processo de representação do significante em significado. A significância tem como alvo a mente, "A significância cola na alma"¹², ela é um poder sobre a mente que lhe impõe uma maneira de pensar e de perceber, para assim, nos fixar à uma realidade dominante. "Você será significante e significado, intérprete e interpretado — senão será desviante"¹³. Nesse sentido, o corpo sem órgãos é uma dessignificação da significância, ele libera a mente da prisão formada pelo estrato da significância. Por isso, o corpo sem órgãos é um processo de criação de novas maneiras de pensar e de perceber.

subjetivação da imanência

O terceiro tipo de estrato é a subjetivação. Para Deleuze e Guattari, a subjetivação é "o Eu, o

7 *Idem, ibidem*, p. 25.

8 *Idem, ibidem*, p. 24.

9 *Idem, ibidem*, p. 26.

10 *Idem, ibidem*, p. 25.

11 *Idem, ibidem*, p. 28.

12 *Idem, ibidem*, p. 26.

13 *Idem, ibidem*, p. 25.

sujeito, a pessoa, individual, social ou histórica, e todos os sentimentos correspondentes”¹⁴ O sujeito é um efeito da formação social em nós. A subjetivação tem como alvo a imanência, são “pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante”¹⁵, ela é um poder sobre a imanência que lhe impõe uma maneira de existir, de afetar e ser afetado, para assim, nos fixar à uma realidade dominante. “Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado — senão você será apenas um vagabundo”¹⁶ Nesse sentido, o corpo sem órgãos é uma dessubjetivação do sujeito, ele libera a imanência da prisão formada pelo estrato da subjetivação. Por isso, o corpo sem órgãos é um processo de criação de novos modos de existir, de afetar e ser afetado.

desestratificação

O corpo sem órgãos é um processo de desestratificação dos três tipos de estrato: o organismo do corpo, a significância da mente e a subjetivação da imanência. O processo de desestratificação, isto é, “o CsO, atravessa e desfaz todos os estratos”¹⁷ Por isso, o corpo sem órgãos é um processo de desorganização do organismo, de dessignificação da significância e de dessubjetivação do sujeito. Entretanto, “desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação”¹⁸ O processo de desestratificação é um movimento que vai em direção à morte, “acontece que se tangencie a morte ao se desfazer do organismo, tangencia-se o falso, o ilusório, o alucinatório, a morte psíquica ao se furtar à significância e à sujeição”¹⁹ A criação de um corpo sem órgãos, ou seja, o processo de desestratificação, acontece no limite entre a vida e a morte. Por isso, esse limite deve sempre ser tangenciado, e nunca ultrapassado.

imprudência

Deleuze e Guattari alertam sobre “os perigos de uma desestratificação demasiado brutal, imprudente”²⁰, ou seja, uma desestratificação absoluta, isto é, a criação de um corpo sem órgãos absoluto que destrua completamente os estratos do organismo, da significância e da subjetivação. Para Deleuze e Guattari, os estratos são necessários à conservação da vida, a sua função é puramente pragmática, por isso a sua total destruição implica na morte da própria vida.

14 *Idem, ibidem*, p. 28.

15 *Idem, ibidem*, p. 26.

16 *Idem, ibidem*, p. 25.

17 *Idem, ibidem*, p. 25.

18 *Idem, ibidem*, p. 26.

19 *Idem, ibidem*, p. 26.

20 *Idem, ibidem*, p. 30.

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente²¹.

prudência

Para criar um corpo sem órgãos é necessário desestratificar os estratos com prudência. Para Deleuze e Guattari, a prudência é a “regra imanente à experimentação”²². A experimentação do corpo sem órgãos não se faz sem prudência, são necessárias “injeções de prudência”²³ ou seja, tomar a “prudência como dose”²⁴. A prudência é uma regra ética e estética, ela é “a arte das doses”²⁵. Por isso, para criar um corpo sem órgãos, é necessário agir com prudência nos três processos de desestratificação: a desorganização do organismo, a dessignificação da significância e a dessubjetivação do sujeito. “A prudência é a arte comum dos três”²⁶. Nesses processos, a função da prudência é “buscar os pontos nos quais podiam paciente e momentaneamente desfazer”²⁷, por isso a destruição dos três estratos precisa ser feita com paciência e provisoriedade. A prudência é o critério ético e estético que define o tipo de corpo sem órgãos a ser criado. Nesse sentido, Deleuze e Guattari pontuam que existem três tipos de corpos sem órgãos: o pleno, o vazio e o canceroso.

CsO pleno do revolucionário

O primeiro tipo de corpo sem órgãos é o pleno, ele é criado quando o processo de desestratificação é prudente, ou seja, paciente e momentaneamente. Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos pleno é “pleno de alegria”²⁸. A alegria é um afeto que aumenta a potência de agir do corpo e a potência de pensar da mente, ela é a efetuação da nossa potência singular. “Acontece que existe uma alegria imanente ao desejo, como se ele se preenchesse de si mesmo”²⁹. O corpo sem órgãos pleno se preenche de alegria, “posto que é esta alegria

21 *Idem, ibidem*, p. 26.

22 *Idem, ibidem*, p. 13.

23 *Idem, ibidem*, p. 13.

24 *Idem, ibidem*, p. 13.

25 *Idem, ibidem*, p. 25.

26 *Idem, ibidem*, p. 26.

27 *Idem, ibidem*, p. 27.

28 *Idem, ibidem*, p. 13.

29 *Idem, ibidem*, p. 19.

que distribuirá asintensidades”³⁰. A alegria, ou seja, o afeto que aumenta a nossa potência de existir, é produzido quando o processo de desestratificação é feito com prudência, isto é, quando “Inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte. Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões”³¹.

CsO vazio do suicida

O segundo tipo de corpo sem órgãos é o vazio, ele é criado quando o processo de desestratificação é imprudente, ou seja, grosseiramente, exageradamente violento e demasiado brutal. Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos vazio é os que “tangenciam estes perpétuos perigos que esvaziam seu CsO em vez de preenchê-lo”³². O corpo sem órgãos vazio não se preenche de nenhum afeto porque ele destrói completamente os estratos, ele cria um corpo sem órgãos absoluto que destrói completamente o organismo do corpo, a significância da mente e a subjetivação da imanência. O processo de desestratificação do corpo sem órgãos vazio é um movimento que vai em direção à morte, ele ultrapassa o limite entre a vida e a morte, e se suicida. Além disso, “Não basta então distinguir os CsO plenos sobre o plano de consistência e os CsO vazios sobre os destroços de estratos, por desestratificação exageradamente violento. É preciso considerar ainda os CsO cancerosos num estrato tornado proliferante”³³.

CsO canceroso do fascista

O terceiro tipo de corpo sem órgãos é o canceroso, ele é criado quando o processo de desestratificação é reestratificante. Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos canceroso é um “estrato que deveio proliferante”³⁴. O corpo sem órgãos canceroso é o corpo sem órgãos do estrato, pois “não basta opor abstratamente os estratos e o CsO. Porque encontra-se CsO já nos estratos”³⁵. O corpo sem órgãos canceroso é um tumor que se forma no estrato, ele desestratifica o estrato para criar uma nova estratificação. Por exemplo: “O CsO do dinheiro (inflação), mas também CsO do Estado, do exército, da fábrica, da cidade, do Partido etc”³⁶. Por isso, um câncer ploriferante é criado quando “Os estratos engendram seus CsO, totalitários e fascistas”³⁷. Para Deleuze e Guattari, o fascismo é um corpo sem órgãos canceroso, ele é uma

30 *Idem, ibidem*, p. 19.

31 *Idem, ibidem*, p. 25.

32 *Idem, ibidem*, p. 15.

33 *Idem, ibidem*, p. 30.

34 *Idem, ibidem*, p. 30.

35 *Idem, ibidem*, p. 29.

36 *Idem, ibidem*, p. 30.

37 *Idem, ibidem*, p. 30.

ploriferação de estratos que impõe uma lógica desejante e uma maneira de desejar.

O CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja. Não somente porque ele é o plano de consistência ou o campo de imanência do desejo; mas inclusive quando cai no vazio da desestratificação brutal, ou bem na proliferação do estrato canceroso, ele permanece desejo. O desejo vai até aí: às vezes desejar seu próprio aniquilamento, às vezes desejar aquilo que tem o poder de aniquilar. Desejo de dinheiro, desejo de exército, de polícia e de Estado, desejo-fascista, inclusive o fascismo é desejo. Há desejo toda vez que há constituição de um CsO numa relação ou em outra.³⁸

problema dos três corpos

O corpo sem órgãos pleno do revolucionário é um desejo de alegria. O corpo sem órgãos vazio do suicida é um desejo de morte. O corpo sem órgãos canceroso do fascista é um desejo de estrato. Se o corpo sem órgãos é desejo, então como diferenciar o desejo revolucionário, do desejo suicida e do desejo fascista? Como distinguir os três tipos de desejo? Esse problema é o que Deleuze e Guattari chamam de "*Problema dos três corpos*. [...] Como criar para si CsO sem que seja o CsO canceroso de um fascista em nós, ou o CsO vazio de um drogado, de um paranóico ou de um hipocondríaco? Como distinguir os três corpos?"³⁹. Nesse processo de distinção dos três tipos de desejo, qual critério seria válido para essa diferenciação?

esquizoanálise

Por isso, Deleuze e Guattari criam a esquizoanálise como uma análise política do desejo, ela é uma clínica, ética, estética e política de avaliação e intervenção dos movimentos oscilatórios do desejo. "Por isto o problema material de uma esquizoanálise é o de saber se nós possuímos os meios de realizar a seleção, de separar o CsO de seus duplos: corpos vítreos vazios, corpos cancerosos, totalitários e fascistas"⁴⁰. A esquizoanálise põe o desejo à prova e avalia o seu tipo a partir do único critério válido para essa diferenciação, que é a vida. "A prova do desejo: não denunciar os falsos desejos, mas, no desejo, distinguir o que remete à proliferação de estratos, ou bem à desestratificação demasiada violenta, e o que remete à construção do plano de consistência (vigiar inclusive em nós mesmos o fascista, e também o suicida e o demente.)"⁴¹. O critério para a distinção dos três tipos de desejo não é a verdade, não se trata de distinguir os desejos falsos dos desejos verdadeiros. O critério para a distinção dos três tipos de desejo é a vida, se trata de distinguir os desejos que liberam a vida da prisão dos estratos, dos desejos que conduzem a morte ou dos desejos que se fascinam pelo poder dos estratos. Por isso, uma das

38 *Idem, ibidem*, p. 32.

39 *Idem, ibidem*, p. 30.

40 *Idem, ibidem*, p. 32.

41 *Idem, ibidem*, p. 32.

tarefas da esquizoanálise é a desestratificação prudente, é nos precaver da experimentação suicida, é nos curar desse câncer proliferante que é o fascismo, é liberar a vida lá onde está prisioneira dos estratos. A esquizoanálise é uma desorganização prudente do organismo do corpo, é uma dessignificação prudente da significância da mente, é uma dessubjetivação prudente do sujeito. “Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte”⁴².

referência

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Como criar para si um Corpo sem Órgãos?”. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, pp. 11-33.

42 *Idem, ibidem*, p. 13.